



Mulheres em Movimento: a resistência feminista nas ruas e na universidade

De 30 de março a 1 abril de 2018, na Universidade Federal de Juiz de Fora, aconteceu o 8º EME, Marielle Franco: a resistência feminista nas ruas e nas universidades, que reuniu mais de 1500 mulheres jovens: negras, indígenas, quilombolas, ribeirinhas, LBTs, mulheres do campo e da cidade, de Norte a Sul do Brasil.

Nós, que fomos ativas na resistência ao golpe que retirou Dilma Rousseff, a primeira mulher presidenta da república, seguimos mobilizadas, lutando para recuperar a democracia em nosso país. Este 8º EME acontece em uma conjuntura de ruptura democrática, por isso reafirmamos nestes três dias a denúncia contra o aprofundamento da ofensiva neoliberal, que ataca nossa soberania, avança sobre a exploração do nosso trabalho, no controle dos nossos corpos e territórios, principalmente no que tange a população mais pobre do país.

Como parte do desmonte de direitos que vivemos neste período, presenciamos o avanço do conservadorismo nas universidades, escolas, nas redes sociais, na família, nos veículos de comunicação e na política. O conservadorismo é um dos aliados mais estratégicos do capitalismo neoliberal, pois é uma arma ideológica e ataca diretamente o corpo, a vida e o desejo das mulheres. Avança na retirada dos direitos, com a reforma trabalhista, e a tentativa de aprovação da reforma da previdência, o desmonte do SUS, o sucateamento da educação, o leilão do patrimônio natural. Age para esmagar o conjunto de direitos que conquistamos nas ruas, através de lutas históricas, das mulheres negras, transexuais, indígenas, rurais e os mais diversos grupos sociais.

A elite racista detentora do poder midiático/político/econômico e jurídico busca desmobilizar as ações e os avanços da classe trabalhadora, aprofundando o estado de exceção, desmontando direitos, que se tornam um obstáculo para a permanência do seu projeto de dominação, e se apoia na violência, desde a criminalização dos movimentos sociais, representando uma estratégia de calar as lutadoras do povo e os projetos defendidos por estes de transformação da sociedade.

As execuções de Marielle Franco, vereadora pelo PSOL, e de Anderson Gomes, motorista e militante, em pleno centro do Rio de Janeiro, representam alguns dos piores traços do momento de nossa conjuntura nacional. Marielle foi assassinada por ser muitas. Mulher, negra, LBT, favelada, socialista, militante dos direitos humanos. Foi assassinada por ocupar espaços de poder e por mover as estruturas da nossa sociedade racista e patriarcal. Um crime político que ataca ao mesmo tempo a luta das mulheres, das negras e dos negros, das juventudes e pelos Direitos Humanos. Membro da comissão que fiscaliza a intervenção militar no Rio de Janeiro, Marielle denunciava regularmente as violências e violações levadas à cabo pela Polícia Militar e pelo Estado nas favelas cariocas. Diante disso, precisamos perguntar, quem mandou matar Marielle Franco?

Sabemos que esse mesmo Estado que aposta na militarização de nossos corpos e territórios para a manutenção de sua estrutura permeada pelo medo e perseguição dos movimentos sociais, que assassina a juventude negra e periférica todos os dias, também foi responsável por seu assassinato. Marielle é

mente e para seguirmos na luta das mulheres, das favelas e da negritude que Marielle representa é necessário principalmente dar consequência às lutas que ela representa, movimentando mulheres em todo o país.

As mulheres do mundo têm se levantado por mais direitos, como nos recentes protestos no Irã contra o uso do véu, a luta contra Donald Trump nos EUA e a intifada palestina contra a mudança da embaixada dos estadunidense para a cidade de Jerusalém, na qual o Estado de Israel prendeu Ahed Tamimi. A luta das mulheres é internacional. Os golpes implementados na América Latina demonstram que só é possível levar adiante a agenda neoliberal com um forte retrocesso, o recrudescimento do racismo e do machismo, a repressão, o recurso à violência, por vias não democráticas. Denunciamos o ataque de cunho fascista à caravana de Lula pelo Rio Grande do Sul e sua condenação sem provas, em uma nítida tentativa de impedir sua candidatura à Presidência.

Em seus 80 anos de história, a UNE sempre esteve na linha de frente nas lutas em defesa da democracia e da soberania, por isso afirmamos neste 8º Encontro que só há democracia com o povo organizado, só há igualdade se não houver discriminação, só há direitos se houver igualdade. Diante da encruzilhada que o país vive, cabe somente ao povo, às mulheres e homens, em luta, em movimento, a decisão sobre seu destino como nação. Não só a escolha de quem vai dirigir o País, mas a escolha de qual projeto de sociedade queremos.

É na disputa por esse projeto que percebermos que hoje vivemos mais do que uma crise na educação, mas a implementação de um projeto que sucateia e desmonta a universidade pública, que interrompe um processo ainda inconcluso de democratização do ensino superior, de acesso da população pobre, de negras e negros à universidade. Basta ver, imediatamente após a posse do golpista Temer, a portaria de redução de vagas, a PEC que congela os gastos na educação e, agora, novamente, o estrangulamento dos recursos.

Esse desmonte tem consequência ainda mais grave para as mulheres, especialmente negras, indígenas, quilombolas, trabalhadoras, na universidade, pois, para a nossa estada na universidade, é fundamental a garantia de bolsas permanência, projetos de iniciação à docência, de iniciação científica, a garantia de creches, restaurantes universitários, toda uma política de assistência estudantil. Além disso, os cortes ameaçam ainda os projetos de pesquisa e extensão que contribuem para a inserção das mulheres no espaço de produção de conhecimento e o combate às desigualdades sociais.

Nesse 8º EME, queremos denunciar o crescente aumento da violência contra as mulheres, que se reflete também nas universidades. Queremos um espaço onde as mulheres se sintam seguras, uma educação que garanta o acesso ao conhecimento científico acumulado pela sociedade, feminista, antirracista e não-LBTFóbica, onde haja mecanismos eficientes para tratar as diferentes violações dos nossos corpos. A nossa luta por uma universidade segura e libertadora passa pela garantia de que nenhum caso de violência contra às mulheres na universidade fique impune!

Se por um lado temos o avanço neoliberal que tenta retirar os nossos direitos, por outro vemos um ascenso do movimento feminista. Foram as mulheres que foram às ruas por nem uma menos, contra a reforma da previdência em um oito de março histórico que impulsionou uma das maiores greves gerais da história do Brasil e derrubaram a PEC 181, pautando a legalização do aborto.

A trajetória do Encontro de Mulheres da UNE coloca o feminismo como ferramenta de transformação da sociedade. Durante todo esse caminho, apostamos na criação de coletivos feministas, de espaços auto-organizados, na construção da pauta das mulheres nos CAs, DAs, DCEs, UEEs, no fortalecimento da agenda feminista e do movimento de mulheres, na construção de um feminismo plural antirracista, anticapitalista, antissistêmico.

Este Encontro mostra que o feminismo cresce em todo o país dentro e fora das universidades. As mulheres em todo o Brasil reagem à violência e ao controle do corpo afirmando: nenhuma a menos, vivas e livres nos queremos! E mais que isso: as mulheres têm lutado para colocar o feminismo como agenda central das lutas.

Sáímos deste EME com a tarefa de construir o dia 13 de abril como dia nacional de mobilização em memória de Marielle para afirmar que manteremos vivas suas pautas.

Como síntese do nosso acúmulo coletivo e posicionadas nos desafios da conjuntura a União Nacional das Estudantes lança neste 8 Encontro de Mulheres Estudantes a campanha "Defender a vida das mulheres nos UNE" e convocamos as mulheres de todos os cantos desse Brasil a ecoarem a voz de todas aquelas que nos antecederam. Por Marielle, por Cláudia, por Carolina Maria de Jesus, por Dandara, por Helenira, por Lélia Gonzalez, por Cristina Poeta continuaremos resistindo, reivindicando e sonhando com uma universidade popular e um novo mundo onde sejamos totalmente livres e iguais.

8º Encontro de Mulheres Estudantes da UNE

Juiz de Fora, 01 de Abril de 2018.